

O DESEJO DE PSICANÁLISE: EXERCÍCIOS DE PENSAMENTO LACANIANO, DE GABRIEL TUPINAMBÁ

OVERCOMING IDEOLOGY: REVIEW OF O DESEJO DE PSICANÁLISE: EXERCÍCIOS DE PENSAMENTO LACANIANO, BY GABRIEL TUPINAMBÁ

João Gabriel Ribeiro Passos

Universidade Federal de Ouro Preto

joaogabrielribeiropassos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8855-6235>

Rodrigo Corrêa Martins Machado

Universidade Federal de Ouro Preto

rodrigo.machado@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7269-1996>

RESUMO: A presente resenha tem como objetivo apresentar alguns dos eixos nodais a estruturar o livro *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano*, de Gabriel Tupinambá, bem como apontar sua pertinência tanto teórico como prática no que tange os desafios da clínica psicanalítica contemporânea. Para tal, irá se valer do exame detido de algumas das categorias fundamentais tanto construídas como rediscutidas no trabalho – a ideia de uma ideologia lacaniana e a economia política da clínica –, aliados a apresentação de alguns antecedentes e filiações teóricas. A conclusão, em suma, é de que o trabalho representa tanto a confluência dos esforços de analistas, analisandos e mesmo entusiastas da psicanálise para uma experiência outra da clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Jacques Lacan; Significante.

ABSTRACT: This review aims to present some of the key axes structuring the book *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano* by Gabriel Tupinambá, as well as to highlight its theoretical and practical relevance regarding the challenges of contemporary psychoanalytic practice. To this end, it will carefully examine some of the fundamental categories both constructed and revisited in the work – such as the notion of a Lacanian ideology and the political economy of the clinic – alongside an overview of certain antecedents and theoretical affiliations. The conclusion, in short, is that the work represents a convergence of efforts by analysts, analysands, and even psychoanalysis enthusiasts toward a different experience of the clinic.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Jacques Lacan; Significant.

Numa das primeiras das muitas atividades publicitárias deste livro que, enfim, chega ao público brasileiro, o intelectual público e psicanalista Christian Dunker nomeou *O desejo de psicanálise* como “a verdadeira e nova psicanálise do Brasil”.¹ Igualmente, o controverso filósofo esloveno Slavoj Žižek

¹ Publicação no perfil do Instagram da editora Boitempo, 17 de outubro de 2024. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/DBPdFFBpahA/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MzRlODBiNWFlZA== >. Acesso em: 20 fev. 2025.

não poupou elogios: escreveu sem meias palavras que “o livro de Tupinambá deve ser lido por todo mundo que... Bom, por quase todo mundo que conheço” (Žižek, 2024, p. 22). Alguns poderiam supor de antemão que o entusiasmo destas duas figuras tão capitais para a popularização e qualificação do debate psicanalítico no mundo, neste caso, nada mais seria do que ossos do ofício ou formalidades profissionais e acadêmicas, afinal, de um autor citado nomeadamente como bibliografia do livro e de outro, igualmente citado, que fora também orientador de Gabriel Tupinambá. Contudo, uma leitura cerrada e atenta deste livro prova que a euforia de ambos é não só honesta, como profundamente verdadeira e temperada por uma longa e lúcida crítica quanto aos atuais limites da clínica psicanalítica contemporânea em sua matriz lacaniana.

Pois algo que, de antemão, é necessário se pontuar é que a originalidade e ineditismo do livro não implicam, necessariamente, vanguardia. Ao contrário, é justamente a afirmação, repetidas vezes assumida publicamente por Gabriel Tupinambá, de que seu livro se propõe a ser muito mais como um estímulo adicional à continuação do debate – que já fora alavancado por figuras como Carolina Besoain Arrau, Raluca Soreanu e Ana Minozzo – do que uma introdução à psicanálise lacaniana ou um trabalho puramente teórico e fechado em si mesmo, que lhe garantem, precisamente, maior vitalidade e rigor. Se trata de uma “mensagem na garrafa” atirada ao mar dos fóruns e congressos lacanianos, uma busca deliberada por interlocutores com as mesmas angústias quanto à posição política da psicanálise na contemporaneidade, a saber, quando ela aparece mais como uma antessala confortável para o capitalismo liberal do que como uma clínica crítica e radical.

Esta postura é indiciária de um certo tipo de intelectual público que talvez esteja em vias de extinção: aquele que entende o quanto a organização política interfere *diretamente* nos modos de pensar dos sujeitos, ou, em outras palavras, o quanto se organizar coletivamente *estimula* e *oxigena* o pensamento, o quanto a organização – quer seja em sindicatos, revistas, células, partidos ou coletivos – com todos as suas dificuldades – inerentes à mediação de interesses e vidas diversas sob uma mesma bandeira –, impõe sempre a necessidade de proposições criativas para, parafraseando Marx, dar cada passo do movimento real à obliterar uma dúzia de programas. Um gesto tal que contribui “para o deslocamento do foco dado à politização dos *conceitos* da psicanálise para a politização *dos analistas* enquanto pessoas atentas às condições materiais e formais de sua prática” (Tupinambá, 2024, p. 273, grifos no original).

Não por acaso, o livro se inicia com duas grandes anedotas: a famosa resposta de Lacan aos jovens militantes franceses durante seu seminário em Vincennes na altura de dezembro de 1969 – “a aspiração revolucionária só tem uma chance, a de culminar, sempre, no discurso do mestre. Isso é o que a experiência provou. É ao que vocês aspiram como revolucionários, a um mestre. Vocês o terão” (Lacan, 1992, p. 196) – e a intervenção de Louis Althusser, dez anos depois, na ocasião da dissolução da Escola Freudiana de Paris. O segundo caso particularmente nos interessa por demonstrar um certo *éthos* dos analistas lacanianos: é o estopim para todo o livro operar o debate conceitual e histórico da psicanálise no que tange sua organização institucional. Como se sabe, em março de 1980 houve a fatídica reunião da escola para se debater a dissolução ou não da organização, e Althusser, já há muito tempo implicado na psicanálise, no freudomarxismo e no estruturalismo, decide assisti-la. Para sua frustração, o que ele se depara não é com uma assembleia política, uma reunião sindical ou uma ágora

crítica, ao contrário, encontra uma série de analistas acusando Jacques Lacan de operar um ato analítico *in loco*, ato este que só poderia ser devidamente compreendido, por natureza, pela via da análise. Althusser intervê e denuncia a postura destes: o que lhe surpreende é o fato de os psicanalistas sequer cogitarem as consequências da dissolução da escola em seus termos *políticos*. O que seria da massa dos analisandos frente a este evento? O que seria de suas famílias diante desta ruptura? As origens dessa cisão eram verdadeiramente teóricas ou eram então organizativas? Quais implicações jurídicas o fim da instituição geraria? Nada disto estava sujeito à discussão, muito mais produtivo para seus membros era tratar o gesto dissolutivo de Lacan como uma relação transferencial mal resolvida. Tudo se baseava numa “convicção ampla e constantemente evocada, invocada, desenvolvida e aumentada, a saber: *uma convicção de que o que estava acontecendo na reunião fazia parte da análise*” (Althusser, 1996, p. 133, tradução nossa).

Ou seja, a projeção, para o divã, de empecilhos que acometem diariamente, cotidianamente, qualquer atividade profissional organizada. Este acontecimento burlesco nos parece um dos pivôs a incendiar o trabalho de Tupinambá, que tenta reconhecer não os elementos extraordinários que diferenciam a psicanálise de todos os outros campos, mas justamente os anódinos que a *assemelham* a todos os outros. Há, pois, um claro veio althusseriano nesta investida. Não podemos nos furtar de lembrar que o comunista francês encerra seu emblemático *Freud e Lacan* questionando:

[...] em que medida as origens históricas, e as condições econômico-sociais do exercício da Psicanálise repercutem na teoria e na técnica analítica? Em que medida, sobretudo, pois esse é efetivamente o estado dos fatos, o silêncio teórico dos psicanalistas sobre esses problemas, o recalamento teórico de que são vítimas esses problemas no mundo analítico afetam tanto a teoria quanto a técnica analítica em seu próprio conteúdo? (Althusser, 1985, p. 70).

Não seria nenhum exagero dizer que Gabriel Tupinambá leva tais dúvidas às suas últimas consequências. Estamos diante, pois, da investigação de certos pressupostos implicados na psicoterapia lacaniana que ou são aceitos impunemente ou são escamoteados. As razões de posturas dessa natureza podem ser condensadas naquilo que Tupinambá chamará de *ideologia lacaniana*. O argumento central é um tanto quanto límpido: Lacan postula de forma ímpar e importante que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1985, p. 139), uma formulação diretamente tributária da linguística saussureana com todas as suas consequências teóricas — a arbitrariedade do signo, sua bipartição entre significado e significante, a decomposição da língua em morfemas, sintagmas, fonemas e outras unidades, a distinção entre *langue* e *parole*.

Progressivamente, a veia linguística de Lacan alcançará seus discípulos mais diletos, como Jacques Alain-Miller — que publica o clássico *Sutura (elementos de uma lógica do significante)*, em 1964, incorporando agora o logicismo matemático de Gottlob Frege — e Alain Badiou. Se, por um lado, a admissão desses predicados consegue explicar inúmeros fenômenos observáveis no *setting* analítico e permite o diagnóstico e intervenção do analista frente ao sofrimento psíquico do paciente, por outro, ele pode gerar consequências nefastas que a cristalizam não como ciência ou teoria, mas como pura e sublime ideologia: a generalização de uma tese para fora de seu próprio campo de domínio. A lógica do

significante, ao menos nos termos millerianos iniciais, tratava da restauração de indícios dispersos dos seminários e escritos lacanianos que, no seu entender, fundamentavam uma lógica geral cuja formalização abarcaria todos os campos do conhecimento – se traduzia, pois, como um projeto epistemológico conectivo da psicanálise, mas que, em si, não dizia respeito à psicanálise em si.

O que ocorre é que as conclusões desta formulação irão desencadear não numa perspectiva *regional* da psicanálise – por assim dizer, a função e campo da fala e da linguagem *em* psicanálise – mas um olhar *geral* que substitui as associações conexas entre campos pela expansão teórica, virtualmente infinita, contra todas as outras – retomando a paráfrase, a função e campo da fala e da linguagem *pela* psicanálise. E é neste momento que todo o aparentemente estável discurso laciano desmorona e um cálculo nefando dá lugar ao rigor teórico: “quando a equação [...] é elevada, para além do domínio analítico do qual ela é própria, a uma matriz ontológica irrestrita, esse processo de generalização deve ser chamado por seu verdadeiro nome: *ideologia*” (Tupinambá, 2024, p.59).

O predicado central a estruturar o livro – ou ao menos sua primeira metade – é justamente o processo canibal, embora simultaneamente antiantropófago – ou seja, enquanto um ser que deglute outros saberes sem se ocupar de propriamente incorporar suas forças vitais –, que permeia a psicanálise laciana contemporânea. Isto é, a forma como a extrapolação irrestrita do conceito de significante, que passa da ocasião do *setting* analítico para todo o mundo, passa a autorizar a psicanálise a legislar e intervir sobre todos os outros domínios, ciências e atividades da realidade – que, afinal, é permeada intrinsecamente do simbólico e do linguístico. Não que a psicanálise não seja um contributo a uma experiência política emancipatória e crítica. Ela o é, mas só pode o ser, contudo, na exata medida em que assume o quanto de sua realização pressupõe uma forma social distinta, o quanto da sua verdade só pode se realizar numa configuração econômica diferente; como, nos limites da sociedade onde a riqueza eclode como uma vasta galeria de mercadorias, sua atuação se restringe. Os mundos por vir que a psicanálise sempre sonhou, apregoaram sempre que “ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (Freud, 2012, p. 133). Se agarrar a tais ilusões não seria outra coisa que não ideologia. Este mundo não só não chegou como, paradoxalmente, inverteu sua posição principia: a própria psicanálise se tornou este *outro* indeterminado onde podemos conseguir *tudo*, todas as explicações, todos os nexos, todas as consequências.

A ideologia laciana não só permitiria esta intervenção indiscriminada da psicanálise noutros campos como, e mais perigoso ainda, blindaria ela mesma de pesquisas teórico-clínicas futuras, criativas e inéditas. No fim, a teoria se encastela e passa a operar num circuito fechado onde todas as respostas sobre a subjetividade, a sexualidade e o sofrimento psíquico, por exemplo, já estão dadas e a função do analista é sempre recorrer ao *retorno* de Freud e Lacan. Não por acaso, os maiores artífices da ideologia laciana, isto é, os membros diretivos da Associação Mundial de Psicanálise, não possuem outra atitude com a escola eslovena – Močnik, Žižek, Dolar e Zupančič – e com Alain Badiou, por exemplo, do que a suspeita ou, em muitos casos, a difamação. Não por acaso, Jacques-Alain Miller, o organizador e detentor do espólio, diante da intempestiva conferência kálfiana de Paul Preciado, só pode chamar o filósofo espanhol de “coqueluche das mídias *woke*” (Miller, 2021, p. 5) e criticar detalhes técnicos como a excedência do tempo estipulado e outros aspectos acessórios, enquanto dissimula sua suposta

preocupação com uma “crise *trans*”. Não por acaso, Roudinesco tem de, em o *Eu soberano*, operar uma crítica anedótica de Spivak, Butler e Homi Bhaba e se confrontar com o que ela chama de “deriva identitária” – essencialmente, qualquer teoria que não mascare seus claros compromissos de classe, gênero e raça.

Enquanto a ideologia lacaniana e a mais recente teoria psicanalítica internacional em seus representantes e diferentes profetas fica às voltas de criticar todas as teorias externas, contudo, permanece suspenso no interior de seu campo, por exemplo, um conceito suficiente de corpo, uma ideia de gênero para além do semblante ou uma reação aos postulados da teoria neuropsicanalítica. A ideologia, portanto, tem um efeito retardatário ao avanço da teoria: professando uma espécie de impermeabilidade da psicanálise lacaniana às condições sociais contemporâneas – como se as assumidas metamorfoses nos processos de identificação, dinâmica de valorização do valor e estrutura do Estado *não* informassem e exigissem reformulações ou apêndices à teoria –, não se ocupando de observar a materialidade da vida e do ofício de analistas e analisandos, tudo o que resta é continuar alardeando que a psicanálise é “inerentemente subversiva” enquanto, paradoxalmente, seus maiores expoentes são conservadores e reacionários.

Como rasgar, então, o véu da ideologia? Gabriel Tupinambá, embora não ofereça um receituário, organiza pressupostos muito pertinentes. Sua leitura da famosa *teoria do passe*, ainda que operando num grau de especulação e experimentação teórica muito maior do que o resto do livro, desenvolve um argumento que, perpassado pela teoria do infinito formalizada por Cantor, desenha a proposição de que “a ideia do *passe* acaba por não ser outra coisa que não a ideia de que nossos investimentos libidinais não apenas são pensáveis, mas o são infinitamente” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 261). Por trás deste axioma reside a radical ideia de que é o passe do analisando para analista, ou a condição mesmo do passante, que reinventa constantemente a psicanálise ao obrigar o analista a localizar os efeitos do sujeito, a produzir subjetivação, a saber *como escutar* e não *o que escutar*, afetando toda a clínica nas suas covariantes dimensões de semiologia, diagnóstico, etiologia e terapia.

Outro aspecto que salta aos olhos é o da crítica da economia política da prática clínica, um rico exercício que articula figuras como Marx, Pierre Martin e Kojin Karatani para penetrar o quanto do papel do dinheiro, do pagamento, influencia não só na imediata democratização da análise, mas da análise ela mesma. O que é muito diferente de postular uma homologia entre o mais-valor marxiano e o mais-de-gozar lacaniano ou analogar o dinheiro e o falo: o que interessa não é a descrição psicanalítica dos níveis simbólicos do capital, mas o quanto a psicanálise, inscrita no modo de produção do capital, é condicionada por ele. Como o dinheiro inevitavelmente opera um cercamento do *setting* analítico ao mundo das mercadorias e da lógica do serviço, desde já se funda um relacionamento assimétrico entre analista e analisando que não é de ordem epistêmica ou libidinal, mas *econômica e política*.

Se um paciente vai a um consultório, o vai demandando um serviço que será prestado em troca de uma certa taxa, e ao final, sendo exitoso ou não, haverá mais dinheiro com o analista e menos com o analisando. Este serviço, evidentemente, é terapêutico, mas a psicanálise é um dos poucos casos onde é o *comprador* – o analisando – quem mais trabalha e perlabora: quase todas as outras psicologias do mundo reservam ao terapeuta essa função, sob forma do fornecimento de conhecimento e de conse-

lhamento, mas a psicanálise enfatiza, virtuosamente, o trabalho do analisando. O já citado Althusser é quem por sinal chama os analisandos de “suas ‘massas’ e seus ‘verdadeiros professores’” (Althusser, 1996, p. 132). Observar essa condição implica pensar o quanto pesa o descompasso financeiro e laboral na ocasião das relações transferenciais, bem como em que nível está se processando as condições de trabalho, de remuneração e de restrição econômica que atravessam ambos os polos deste processo – afinal, de sujeitos que, antes de analistas e analisandos, são seres humanos atravessados pelo capitalismo.

Pois o que há de mais precioso neste livro, que lhe faz honrar seu título, é a tentativa de superar a ideologia apostando e considerando todos aqueles que ainda acreditam na pertinência *histórica* da hipótese do inconsciente, que ainda acreditam que há cura pela fala, que se perguntam “a quem é permitido participar do processo infinito de reinventar o que significa ser humano” (Tupinambá, 2024, p. 130). Em Lacan, o *desejo do analista* se afirma como o ponto ético radical que distingue a psicanálise das demais psicoterapias: é o operador que busca a diferença absoluta e não permite que o terapeuta seja apenas um retificador das identificações, afinal ele agora isola o objeto *a*, faz dele semblante, e permite toda uma diferenciada relação de escuta e silêncio que dinamizam e reativam o inconsciente. Tupinambá vai além e propõe agora um *desejo de psicanálise*, conceito em chave francamente dialética que responde e articula tanto a historicidade da psicanálise quanto “os resultados da prática clínica, os atuais limites da metapsicologia e os mecanismos institucionais de reconhecimento entre analistas” (Tupinambá, 2024, p. 24), ou seja, capaz de pensar uma verdadeira comunidade analítica que, sem abandonar Lacan, forma a crítica superadora da ideologia nutrida no interior de sua tradição.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Trad. Walter José Evangelista. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. Open Letter to Analysands and Analysts in Solidarity with Jacques Lacan. In: ALTHUSSER, Louis. *Writings on Psychoanalysis*. Translated by Jeffrey Mehlman. Nova York, Columbia University Press, 1996.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, L&PM, 2012.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Versão brasileira Aluísio Menezes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

MILLER, Jacques-Alain. Dócil ao trans, *AMPBlog*, 2021. Disponível em <http://uqbarwapol.com/wp-content/uploads/2021/04/JAM-DOCILE-AU-TRANS-PT.pdf>. Acesso em: 20/02/2025.

TUPINAMBÁ, Gabriel. *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano*. São Paulo, Boitempo, 2024.

ŽIŽEK, Slavoj. Por Lacan, contra a ideologia lacaniana. In: TUPINAMBÁ, Gabriel. *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano*. São Paulo, Boitempo, 2024.